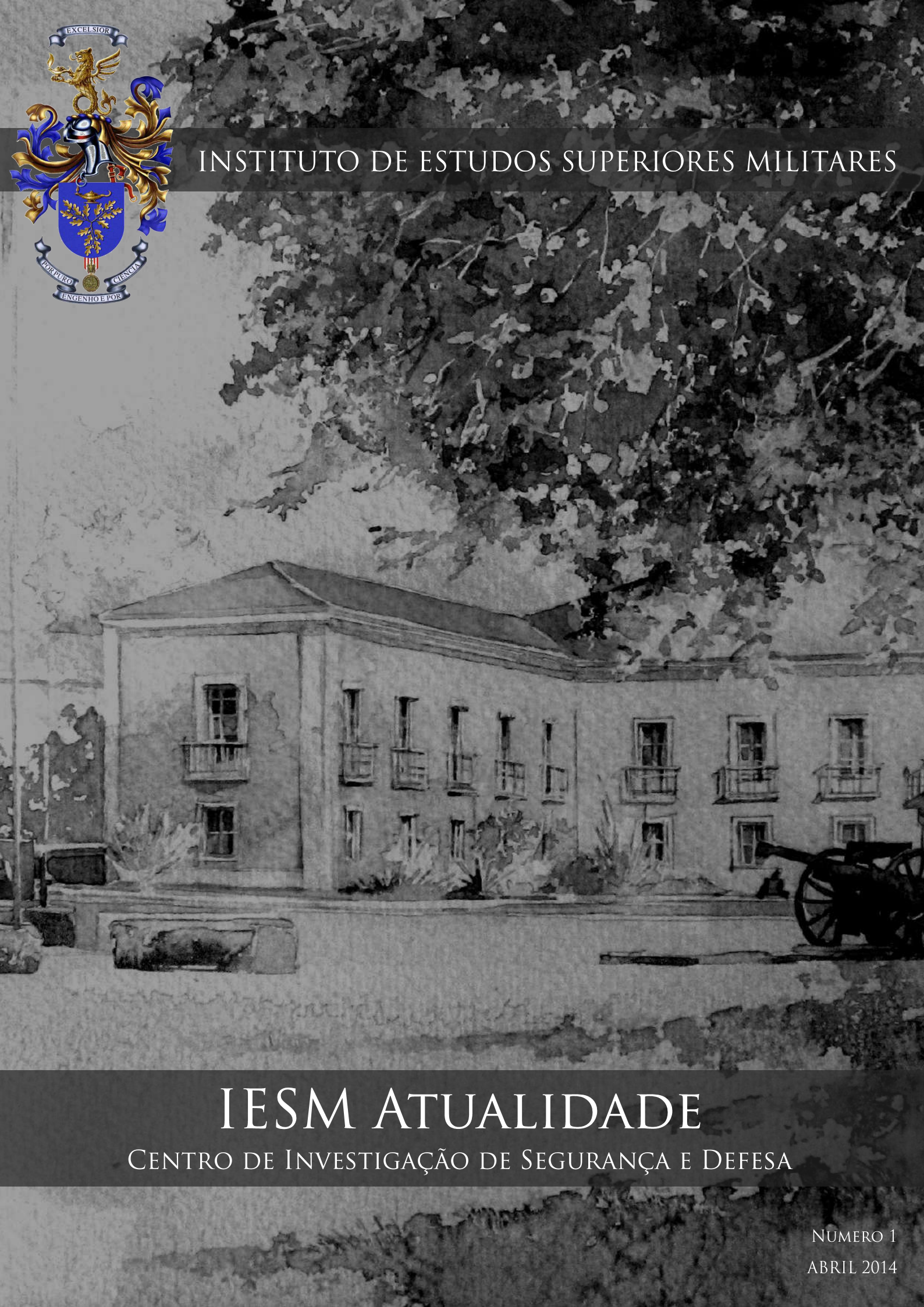




INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES MILITARES



IESM ATUALIDADE

CENTRO DE INVESTIGAÇÃO DE SEGURANÇA E DEFESA

NUMERO 1
ABRIL 2014

INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES MILITARES

Intervenção Militar Francesa no Mali

Operação “SERVAL”

French Military Intervention in Mali

Operation “SERVAL”

Autores:

TCOR INF Pedro Alexandre de Almeida Faria Ribeiro

MAJ INF António Paulo Gaspar da Costa

MAJ INF “CMD” Hugo Miguel Moutinho Fernandes

(Docentes da AEO/IESM)

Abril de 2014

Centro de Investigação de Segurança e Defesa

A publicação **IESM Atualidade** visa publicar eletronicamente no sítio do IESM ensaios ou artigos de opinião sobre temas de segurança e defesa da atualidade, preferencialmente da autoria de docentes do IESM, de investigadores do CISDI ou de outros investigadores nacionais ou estrangeiros, a convite do Diretor ou por iniciativa própria. Em princípio não devem incluir bibliografia, mas poderão citar obras de referência em notas de rodapé.

Diretor

Tenente-General Rui Manuel Xavier Fernandes Matias

Editor-chefe

Major-General Carlos Manuel Martins Branco

Coordenador Editorial

Coronel Lúcio Agostinho Barreiros dos Santos

Núcleo Editorial e Design Gráfico

Tenente-Coronel Manuel Joaquim Moreno Ratão

Tenente-Coronel Rui José da Silva Grilo

Dra. Andreia Roque Venâncio

Propriedade

Instituto de Estudos Superiores Militares

Rua de Pedrouços, 1449-027 Lisboa

Tel.: 213 002 100

Fax.: 213 002 179

E-mail: cisdi@iesm.pt

www.iesm.pt/cisdi/publicacoes

ISSN 2183-2560

Intervenção Militar Francesa no Mali

Operação “SERVAL”

1. Introdução

A instabilidade que esteve na origem da intervenção militar francesa na República do Mali¹ começou no início de 2012, quando o Movimento Nacional para a Libertação da Azawad² (MNLA) atacou a região Norte do país. O grupo acusava o governo de não cumprir com as promessas em relação à população tuaregue. Entre Janeiro e Abril de 2012, o MNLA atacou as bases militares no norte do Mali, nas principais regiões de Gao, Kidal e Timbuctu. No mês de Março, os insurgentes ganharam muito terreno, conquistando cidades sem enfrentar a oposição do governo, exigindo a independência desta parte do país³. Esta situação e os acontecimentos que se lhe sucederam, colocaram o Mali no centro das atenções da Comunidade Internacional. Considerando que o fortalecimento de grupos terroristas no Norte do Mali representava uma ameaça para a região e para toda a Comunidade Internacional, devido ao efeito “dominó” que poderia produzir, alastrando a instabilidade aos países vizinhos, o Conselho de Segurança das Nações Unidas autorizou, através da resolução 2085 de 20 de dezembro de 2012, o envio de uma missão liderada pela *Economic Community of West African States* (ECOWAS) em coordenação com a *União Africana* (UA), intitulada *African-led International Support Mission in Mali* (AFISMA), para apoiar os esforços das autoridades nacionais no controlo do Norte do país.

A ofensiva dos grupos armados, em direção ao centro do país no início de janeiro de 2013, nomeadamente o *Movement for Oneness and Jihad in West Africa* (MUJWA) e o *Al-Qaeda in the Islamic Maghreb* (AQIM), vieram precipitar os acontecimentos, levando a que a França, respondendo a um pedido oficial por parte do governo interino do Mali, desencadeasse a Operação SERVAL, que tinha como

¹ Mali é o sétimo maior país de África. Faz fronteira com sete países: a Norte com a Argélia, a este com o Níger, a oeste com a Mauritânia e com o Senegal e a Sul com a Costa do Marfim, Guiné e Burkina Fasso. Tem uma área total de 1.240.000 km² e uma população de cerca de 12 milhões de habitantes. A capital do país é Bamako.

² Compreende as regiões do Mali situados em volta das cidades de Tombuctu, Kidal e Gao, bem como parte da região de Mopti, o Norte do Níger e o Sul da Argélia.

³ Declaração de independência feita pelo Movimento de Libertação Nacional de Azawad da República do Mali para a criação do Estado Independente de Azawad em 6 de abril de 2012.

objetivos acabar com as agressões por parte dos grupos islamitas; preservar a integridade territorial do país e preparar a projeção da força de intervenção Africana autorizada pela resolução 2085, do Conselho de Segurança das Nações Unidas.

2. Antecedentes

As entidades envolvidas⁴, compreenderam que o mais importante e imediato desafio que tinham que resolver era o de alinhar a suas posições durante o processo de decisão político. Em primeiro lugar, seria necessário convencer o MNLA de que o que melhor serviria os seus interesses seria renunciar à luta armada e encetar um processo de negociação com o governo de Bamako. Por outro lado, Bamako teria que ser persuadido a não impor muitos condicionalismos às conversações conducentes ao restabelecimento da paz, como por exemplo, exigir o desarmamento imediato do MNLA, o que fecharia as portas do diálogo. Sem a união de esforços de todas as entidades envolvidas, principalmente dos países do Norte de África e África Ocidental, não seria possível criar mecanismos de segurança regionais e assim, qualquer vitória contra o terrorismo, extremismo ou tráfico de droga no Mali, seria apenas temporária.

Outro fator a ter em conta era que nenhum dos três atores locais⁵, que dividiam o poder em Bamako, tinha o apoio popular nem uma visão clara de como é que o Norte do país poderia ser reconquistado com o apoio internacional. Apesar das divergências e conflitos de interesses, foi possível chegar a um conceito de operações estratégico⁶, tendo a ECOWAS anunciado que iria criar uma força de 3.300 homens para enviar para o Mali.

Paralelamente, as negociações entre Bamako e os grupos armados continuaram, apoiadas por uma equipa de mediadores da ECOWAS, liderada pelo presidente do Burkina Fasso, Blaise Compaoré, tendo conseguido organizar um encontro tripartido, que decorreu em 3 e 4 de dezembro, entre o MNLA, o Ansar Dine⁷ e uma delegação oficial do governo do Mali. As três delegações concordaram em criar uma base de

⁴ Envolvimento da *Economic Community of West African States (ECOWAS)*, *União Africana (UA)*, *United Nations (UN)*, *European Union (EU)*, Mauritania, Argélia, Níger, Burkina Fasso e França.

⁵ O presidente interino Dioncounda Traoré, o primeiro-ministro Cheick Modibo Diarra e o líder da ex-junta, o capitão Sanogo

⁶ Resultante de uma reunião que decorreu em Bamako, a 4 de novembro de 2012, entre a ECOWAS, AU e especialistas militares do Mali, com o apoio dos parceiros ocidentais.

⁷ Movimento criado por Iyad Ag Ghali, um radical islâmico perto do AQIM, com uma agenda diferente do MNLA.

entendimento, fundamentada na unidade nacional, na integridade do território, na liberdade de religião e na rejeição do extremismo.

No entanto ninguém acreditou na utilidade deste entendimento, até porque o MNLA declarou logo de seguida que mantinha o objetivo da autodeterminação e independência, da região sob seu controle.

Ao nível internacional havia muitas reservas quanto à intervenção militar⁸, mesmo assim, após longas negociações, especialmente entre a França e os Estados Unidos - que colocavam muitas reticências ao plano da ECOWAS/AU - o Conselho de Segurança das Nações Unidas adotou a resolução 2085, em 20 de dezembro de 2012, autorizando o envio da AFISMA por um ano.

Os acontecimentos que tiveram lugar no início de janeiro de 2013, vieram deitar por terra todo o planeamento elaborado até então. O confronto entre o exército do Mali e as forças rebeldes estava iminente, embora ao mesmo tempo tivesse sido anunciada a criação de uma “coligação/plataforma para o diálogo imediato sobre a soberania nacional e mudança no Mali⁹”. Esta coligação exigia a realização de referendos imediatos e opunha-se a qualquer tentativa de adoção de legislação, pela Assembleia Nacional, uma vez que esta já não contava com o apoio do povo.

Foram anunciadas manifestações e marchas para 9 de janeiro. Centenas de pessoas bloquearam as principais estradas e pontes da capital ao mesmo tempo que pequenos grupos armados, atacavam viaturas e estações de serviço, espalhando o pânico e transformando o que tinha sido anunciado como uma manifestação pacífica, numa desordem violenta. O ambiente de revolta que se instalou em Bamako, aliado à ofensiva dos grupos armados em direção ao centro do país, levaram à imediata intervenção militar francesa, que teve início a 11 de janeiro de 2013.

⁸ O Secretário-geral da Nações Unidas, no seu relatório S/2012/894, de 29 de novembro de 2012, sobre a situação no Mali, referiu que uma operação militar mal planeada poderia por em causa todo o processo de negociação ao nível político e salientou também que havia questões sobre o financiamento, equipamento e treino da força, para as quais ainda não haviam respostas concretas.

⁹ Incluía grupos como: *Coordination des Organisations Patriotiques pour le Mali* (COPAM), *Copam-Forces Vives*, *Groupe de réflexion Joko Ni Maya*, *Mouvement Populaire du 22 mars* (MP22), *Alliance des Jeunes Démocrates* (AJD), etc.

3. O Planeamento e a Condução da Operação Militar

a. Forças em Presença

(1) Forças opositoras ao regime de Bamako

O MNLA é um grupo rebelde separatista Tuareg, secular, que pretende um Estado independente no Norte do Mali, cujo líder é Bilal Ag Cherif, um Ifoghas Tuareg. Este movimento liderou a rebelião contra o governo do Mali em janeiro de 2012, numa tentativa de estabelecer o Estado independente de Azawad no Norte do Mali. No entanto, por ter recuado e permitido que os grupos ligados à Al-Qaeda assumissem a sua área de atuação, e por não representar a totalidade da população Tuareg do país, não conseguindo mobilizar um efetivo de grande dimensão, começou a ser ignorado e subestimado. Para ganhar força, embora tivesse como aliada a Frente Nacional de Libertação de Azawad (FNLA)¹⁰, o MNLA necessitava, para além do apoio da população civil, do apoio dos combatentes *jihadistas* pertencentes aos três movimentos presentes no Norte do país: a AQIM, o MUJWA e o Ansar Dine (que tem a particularidade de ser composto por tuaregues).

A AQIM é a maior rede terrorista na região e a mais poderosa das forças opositoras, tendo estabelecido redes sociais, políticas e económicas no seio das comunidades locais. É um movimento maioritariamente argelino e mauritano presente no Norte do Mali desde 2003, tem mantido e sequestrado reféns europeus e canadianos, obtendo assim valiosas contrapartidas financeiras, beneficiando da convivência do Exército do Mali e de liberdade de movimentos nas áreas Tuareg. A AQIM é composta principalmente por combatentes estrangeiros, mas também tem atraído membros no Mali e países vizinhos, como o Níger e Senegal. Após a derrota e expulsão do exército do Mali da região Norte, o grupo islâmico transformou-se num aliado do MNLA.

O MUJWA é o mais opaco dos grupos ligados à Al-Qaeda no Norte do Mali; é supostamente um grupo dissidente que se separou da AQIM, mas que manifesta a intenção de trabalhar com esta organização a fim de afastar inimigos mútuos. Embora tenha muitos tuaregues malianos dentro das suas fileiras, o grupo incorpora os locais e estrangeiros da região do Sahel e do Norte de África.

¹⁰ A Frente Nacional de Libertação de Azawad (FNLA) é um grupo árabe aliado ao MNLA, que pretende que o povo do Norte Mali tenha direito à sua autodeterminação. A FNLA não é defensora da implementação da lei islâmica (Sharia).

Acredita-se ser liderado por um mauritano, Hamada Quid Mohamed Kheirou. O seu objetivo é o de espalhar a Jihad ao Sul, a toda a África subsaariana e ver implementada a *Sharia* em todo o mundo. O movimento controlava as regiões a Sul do rio Níger na região de Gao. Este ator tem sido o mais agressivo no ataque aos elementos do MNLA, bem como aos grupos árabes que pretendem a autodeterminação para o Norte do Mali.

Quanto ao Ansar Dine, este movimento foi fundado em 2011 por Iyad Ag Ghali, um dos líderes tuaregues que já beneficiaram da política de integração do Presidente Amadou Toumani Touré. A sua finalidade é o "projeto da jihad islâmica no Azawad" para o controlo da região Norte, impondo um “Salafismo Islâmico”¹¹ sobre as tribos tuaregues. O seu recrutamento é principalmente local, às custas do seu principal aliado de circunstância e concorrente, o MNLA, o principal movimento de protesto Tuareg. O grupo beneficia ainda de apoio em financiamento e armamento.

De todos os grupos apresentados, existem algumas razões que levam a considerar a AQIM o centro de gravidade da coligação, de que se salientam:

- A sua liderança é autoritária em termos religiosos sobre os outros movimentos;
- Possui a mais poderosa capacidade paramilitar;
- A sua experiência (herdada da guerra civil argelina) é reconhecida e respeitada e apoia em material os dois outros movimentos, fornecendo alguns dos seus combatentes sob a sua autoridade;
- Finalmente, controla em larga medida uma grande parte dos recursos do sistema dos *jihadistas*.

A presença destes atores no Norte do Mali originou também o aparecimento de redes criminosas, cujas atividades criaram uma "economia real de insegurança" e constituem uma das fontes de financiamento para as redes terroristas. A criminalidade organizada representa uma ameaça à segurança regional e internacional, uma vez que é o corredor para a Europa para o tráfico de drogas, armamento, seres humanos, bem como outras atividades ilícitas, como lavagem de dinheiro e suspeita de contrabando de material nuclear. Estas

¹¹ Movimento reformista islâmico que surgiu no Egito no final do século XIX, denominado como período de renascimento cultural árabe.

atividades tiveram um crescimento significativo, uma vez que são usadas pelos grupos terroristas da região para financiar suas atividades.

Em junho de 2012, tendo o MNLA sido derrotado e forçado a retirar-se de todas as grandes cidades do Norte, os movimentos *jihadistas* assumiram o controlo desta região. Cada grupo estabeleceu uma base numa das principais cidades: AQIM em Timbuktu, MUJWA em Gao e Ansar Dine em Kidal. Estes movimentos levaram a cabo ataques em centros populacionais, sobre as forças de segurança ou outros interesses do governo, no sentido de criar uma atmosfera generalizada de caos e medo, minimizando assim a sua desvantagem em termos de recursos disponíveis.

Um relatório da ONU estima o número total de combatentes dos grupos armados no Norte do Mali em "cerca de 3.000", acrescentando que os insurgentes conduziam uma política de recrutamento ativa e tinham "um equipamento relativamente sofisticado obtido a partir da Líbia" e de *stocks* próprios do Mali.

Na tentativa de controlar o centro do território e a capital, os grupos *jihadistas* desencadearam uma ofensiva militar para Sul, o que viria a precipitar a intervenção militar liderada pelos franceses em Janeiro de 2013.

(2) Forças apoiantes de Bamako

Desde janeiro de 2011 que as forças francesas estavam fortemente empenhadas no Mali, combatendo os insurgentes (principalmente a AQIM) que ameaçavam expandir o controlo sobre o território. Para operar no Mali, a França organizou o seu exército expedicionário em GTIA¹², GTIA-Para¹³ e GAM¹⁴. Os meios terrestres, aéreos, aeromarítimos e as forças de operações especiais foram utilizados de forma consistente e complementar.

As unidades da componente terrestre foram constituídas por unidades mecanizadas, ligeiras, de infantaria e artilharia de marinha, unidades paraquedistas, de engenharia e ainda por grupos aerotransportados e unidades logísticas, de transmissões e sanitárias. A Operação SERVAL confirmou a relevância da escolha do equipamento do exército francês (*L'armée de Terre*), tendo no auge do empenhamento sido utilizados pelo exército mais de 450

¹² *Groupment Tactique Interarmes.*

¹³ *Groupment Parachutiste.*

¹⁴ *Groupment Aériomobile.*

carros de combate e 800 veículos de todos os tipos, incluindo aeronaves como o Gazelle, o Puma e o Tiger.

No que concerne aos meios da Força Aérea (*L'armée de l'Air*) a operação foi baseada, em primeiro lugar, com os meios aéreos pré-posicionados nas proximidades do Mali, como os Rafale, os Mirage 2000 e Mirage F1 CR, os Boeing C135 e os C160 Transall, entre outros, executando missões de *Air Interdiction (AI)*, *Intelligence Surveillance and Reconnaissance (ISR)* e transporte, entre outras. Este pré-posicionamento de forças permitiu e facilitou a preparação da projeção das forças terrestres, o estabelecimento das necessárias estruturas de Comando e Controlo (C2) e toda a manobra logística de reforço das forças. Foram ainda utilizados *drones*¹⁵ para missões de reconhecimento, designação de alvos e visualização de combates.

O destacamento Harfang (esquadrão de *drones* 1/33 BELFORT) forneceu, desde o início da operação, um contributo substancial para a recolha de informações sobre o teatro, ajudando as restantes aeronaves a adquirir e empenhar alvos inimigos.

A Marinha francesa participou desde o início nas operações de monitorização na região do Sahel, em missões de *intelligence*, de apoio, de C2, designação de alvos e bombardeamento em favor das forças terrestres, com aeronaves de patrulha marítima (ATL-2¹⁶ e Breguet Br.1150 Atlantic), inicialmente pré-posicionada em Dakar (Senegal) e posteriormente em Niamey (Niger).

As Forças Especiais francesas, constituídas por efetivos dos três Ramos, também participaram na campanha do Mali (*Commandement des Opérations Spéciales (COS)*), para realizarem missões de reconhecimento, de apoio ao exército maliano, HUMINT¹⁷ e de guiamento terminal para os ataques aéreos.

O papel das forças preposicionadas foi crucial. A França dispunha de um dispositivo de forças com uma forte presença na região, com elementos no Chade, no Gabão, no Senegal e na Costa do Marfim. Estas forças pré-posicionadas em África foram, sem dúvida, um fator decisivo que explica a extrema reatividade da resposta francesa num tempo extremamente curto.

¹⁵ Designado de UAV (*Unmanned Aerial Vehicle*) e mais conhecido como *drone*, corresponde a qualquer tipo de aeronave que não necessita de pilotos embarcados para ser guiada.

¹⁶ *Atlantique 2*.

¹⁷ *Human Intelligence*.

Três países vizinhos envolveram-se diretamente no conflito: o Chade, que participou em particular, no ataque na região de Adrar des Ifoghas; o Níger, que ajudou a reconquista do nordeste e o Burkina Fasso, que apoiou as tropas francesas para garantir Timbuktu. O Níger e Argélia atuaram nas suas fronteiras restringindo a liberdade de movimentos, impedindo os reforços e o fornecimento de recursos aos *jihadistas*. A Argélia foi também crucial para a condução das operações, abrindo o seu espaço aéreo para a realização de operações de combate e apoio.

Os Estados Unidos contribuíram para a Operação Serval, fornecendo informações, apoio logístico e material de transporte em favor das forças francesas. A resposta militar francesa, não teria sido possível sem o apoio norte-americano, ao qual deve, para lá do apoio em informações, vigilância, comunicações e apoio logístico, o emprego de meios aéreos que supriram as dificuldades de transporte estratégico.

O Canadá e alguns países europeus (Bélgica, Dinamarca, Grã-Bretanha, Holanda, na sua maior parte) participaram indiretamente nas operações com meios de transporte aéreo tático e estratégico e apoio logístico.

A União Europeia (UE) concordou com o envio de uma pequena missão de formação para ajudar o exército do Mali. A vontade comum europeia limitou-se a esta decisão, não tendo demonstrado uma ação consertada com vista à resolução da crise. Contribuiu através da missão de treino EUTM¹⁸ - Mali, criada a 18 de fevereiro de 2013, tendo a França se assumido como *lead-nation*, no apoio às Forças Armadas do Mali na formação, aconselhamento e desenvolvimento das suas capacidades militares e da sua eficiência, a fim de as apoiar no restabelecimento da integridade territorial do seu país.

Embora tivesse praticamente colapsado durante a guerra entre os separatistas tuaregues e rebeldes islâmicos no início de 2012, o exército maliano é também um dos outros atores presentes. Num período de menos de quatro meses no início de 2012, o exército do Mali foi derrotado pelos rebeldes, que controlavam cerca de 60% do território e tomaram posições militares, capturando e matando centenas de soldados do Mali.

¹⁸ *European Union Training Mission in Mali*. Portugal participa neste momento com dois oficiais assessores.

b. Operação “SERVAL”

A situação no Mali foi-se deteriorando à medida que as forças rebeldes assumiam o controlo do território maliano, colocando em causa a sua integridade. Em 11 de janeiro de 2013, a pedido das autoridades do Mali e da Organização das Nações Unidas, a França lançou a Operação SERVAL em apoio das forças armadas malianas. O seu objetivo era parar rapidamente o movimento das forças rebeldes em direção ao Sul do Mali, em coordenação com a AFISMA, garantindo a proteção dos civis e cidadãos estrangeiros e a recuperação da integridade territorial e soberania do país.

Os objetivos determinados para a campanha foram os de parar a progressão *jihadista*; garantir a segurança de Bamako, dos elementos estrangeiros e das populações ameaçadas e, restaurar a integridade territorial do Mali. Para tal seriam conduzidas operações terrestres para repelir as forças rebeldes, retirar-lhes o controlo das áreas da região de Mopti e neutralizar o controlo islamita das regiões Norte de Gao, Tombouctu e Kidal.

Embora possa ser analisada de forma mais detalhada, podemos resumir a três, as grandes fases da Operação SERVAL, bloquear, repelir e limpar:

- A primeira, com início a 11 de janeiro e término a 18 de fevereiro de 2013, consistiu no emprego de forças especiais e do poder aéreo com o objetivo de parar a ofensiva e progressão dos *jihadistas* para Sul. As forças francesas e malianas combateram os *jihadistas* em Diabaly. As cidades de Konna e Douentza foram também libertadas durante esta fase, à medida que as forças francesas e malianas “empurravam” as forças rebeldes para Norte. As forças francesas combinaram movimentos terrestres e ataques aéreos para conquistar Gao, Tombouctu e Tessalit;
- A segunda, com início a 18 de fevereiro e término a 12 de abril de 2013, em que as forças francesas e chadianas a conduzir operações de reconhecimento e ofensivas na região de Adrar des Ifoghas contra os grupos islamitas. As forças africanas começaram a ser projetadas para as suas áreas de responsabilidade com vista a assumirem a segurança nos centros populacionais;
- A terceira, com início em abril de 2013 e término em janeiro de 2014, com a retração progressiva das forças francesas do Norte do Mali, concentrando-se junto ao rio Niger, em Gao, e passando o testemunho às forças da

MINUSMA¹⁹. As forças francesas continuaram a efetuar operações na região de Gao.



Figura 1 – Fases da Operação SERVAL

Fonte: www.stratfor.com

Três meses após o início da Operação SERVAL, o mecanismo de derrota implementado pela coligação levou a uma degradação significativa dos *jihadistas*, combinando uma série de efeitos, mais ou menos decisivos, desde o nível tático até ao estratégico. Ao nível do teatro de operações do Mali, a destruição das infraestruturas de apoio e a perda da influência nos centros populacionais levaram à destruição do aparelho político-administrativo dos *jihadistas*. A decapitação parcial do sistema de poder induzido pela morte de Abu Zaid²⁰ e a dispersão das diferentes unidades

¹⁹ *Mission des Nations Unies au Mali*, criada pela Resolução 2100 do Conselho de Segurança, de 25 de abril de 2013.

²⁰ *Jihadista* islâmico, que por volta de 2010 se tornou um dos três principais comandantes militares da AQMI.

(katibas²¹), resultaram na desintegração e deslocalização parcial da coligação *jihadista* para Norte.

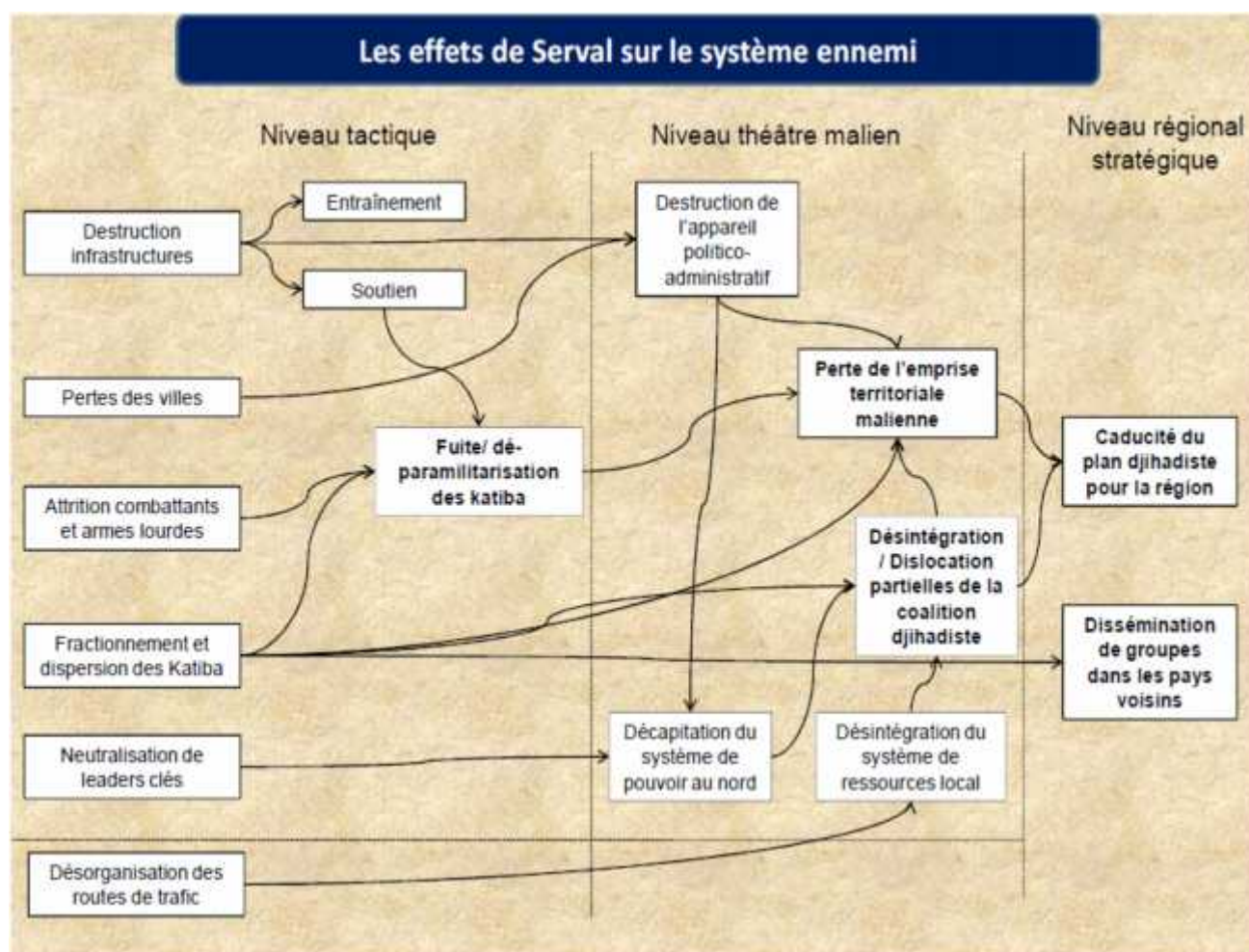


Figura 2 – Efeitos da Operação SERVAL sobre o inimigo

Fonte: Note n° 16/93 – *Fondation pour la RECHERCHE STRATÉGIQUE* – WWW.FRSTRATEGIE.ORG

De fevereiro a outubro foram conduzidas várias operações essencialmente pelas forças francesas e do Mali: a operação Panther IV (18 fevereiro-25 março 2013), conduzida por forças francesas e do Chade, reforçada com elementos do Mali, que permitiu reconquistar a região de Adrar Tigharghar e do Vale de Ametettai; a operação Doro (27 fevereiro-1 março de 2013), com uma atuação concertada das tropas francesas e do Mali, permitiu destruir grupos islâmicos na região de Gao; as operações Gustavo (6-11 de abril de 2013), Akello (25 abril-2 maio de 2013), Orion (8-13 junho de 2013) e Netero (24 de junho-09 de julho de 2013), que tinham como objetivo o santuário do

²¹ Designação em árabe para batalhão ou companhia; unidade ou acampamento de combatentes durante os vários conflitos do norte de África ou do Sahel.

MUJWA a nordeste e a leste de Gao, incluindo a região de Bourem; a operação SIRIUS (12-18 junho 2013), na região Sul de Tessalit, para destruir explosivos destinados a manufaturar *Improvised Explosive Devices* (IEDs) e armamento; a operação Centaure (21 de agosto de 2013), conduzida pela MINUSMA, para impedir interferências com o ato eleitoral no Norte do Mali, nas cidades de Kidal, Tessalik e Aguelhok; a operação Dragon (31 de agosto de 2013), com vista a estabelecer e garantir o controlo do itinerário Gao – Aguelhok; a operação Constrictor (17 de setembro de 2013), com vista a garantir o controlo do itinerário Gao – Bourem e a destruir instalações logísticas dos grupos terroristas, e a operação Hydre (20 de outubro-02 de novembro de 2013) conjunta com forças da MINUSMA e do Níger, com a missão de manter sob pressão os grupos de islamitas.

Estas operações combinaram ataques aéreos com ações de forças especiais e combates terrestres levados a cabo por unidades convencionais. A França, apoiada pelos Estados Unidos, Canadá e alguns outros países europeus, reuniu um conjunto de meios que lhe permitiu dispor da vantagem, essencialmente conferida, pelo conhecimento em tempo real do adversário, graças à conjugação de forças especiais, aviões de reconhecimento, *drones* e satélites.

O contingente militar francês pré-posicionado no Chade, no Gabão, no Senegal e na Costa do Marfim, permitiu uma resposta pronta e uma vantagem significativa. Na superioridade das informações, foi determinante o acompanhamento que vinha sendo feito dos movimentos terroristas na região Norte do Sahel pela França e seus aliados, nomeadamente os EUA. As fontes de informação conjuntas, incluindo satélites, aeronaves de patrulhamento marítimo, *drones* e, a própria HUMINT e SIGINT²² americana, focaram-se no Mali desde o início das operações, contribuindo para a seleção de alvos para os ataques aéreos e para a identificação de posições defensivas *jihadistas*. A própria França havia efetuado planeamento de contingência em 2012 para apoio da AFISMA, permitindo-lhe dispor das forças num elevado grau de prontidão para a operação, facilitando o seu emprego ao nível tático, à medida que fomentou a iniciativa e o comando-missão.

No que concerne à sustentação logística da operação, o contributo dos EUA, Canadá e de alguns outros estados europeus, levou ao suprimento das necessidades francesas em termos de transporte aéreo tático e estratégico, desde o início da Operação SERVAL. A área de operações dista a mais de 4.000 km do território francês (distância

²² Signals Intelligence.

Paris-Bamako) e abrange uma área de 1.241.300 km² (duas vezes França), partilhando 7.420 km de fronteira com sete países²³. As distâncias internas entre os principais centros populacionais são grandes (Bamako- Gao 1.208 km - 944 km Timbuktu - Kidal 1.601 km - Tessalit 1714 km) e as vias de comunicação inter-regionais são pouco desenvolvidas (estradas não pavimentadas). A campanha foi iniciada no decorrer da estação seca, com temperaturas de mais de 40 graus à sombra, numa área do Norte do "Sahara", que representa 75% do território.

Este fator representou um desafio constante, quer ao nível dos meios materiais quer humanos, pela necessidade de fornecimento de abastecimentos de vária ordem, fundamentalmente água potável. Por exemplo, cada soldado tinha no vale Amettetai, cerca de dez litros de água potável por dia, o que representou um desafio logístico considerável. O calor teve impacto direto sobre o desempenho de equipamentos e materiais. As aeronaves podiam transportar menos militares e equipamentos do que em condições normais. A força de apoio logístico necessitou assim de mobilizar recursos significativos, de que são exemplo, o consumo médio diário da força SERVAL em 4.500 rações de combate, 45 m³ de água, 10 toneladas de munições, 30 m³ de combustível terrestre e 200 m³ de combustível aéreo.

As unidades no terreno distavam entre si de grandes distâncias, levando a que todas as classes de abastecimento fossem geridas de forma cautelosa. A operação logística impunha uma multiplicidade de comboios, até sete simultâneos e um uso significativo de meios aéreos. Nas primeiras cinco semanas da operação foram mobilizados 11.000 toneladas de carga e 2.000 soldados.

No que diz respeito à manutenção, a fiabilidade dos meios empenhados, nomeadamente das viaturas blindadas, foi fundamental para levar a cabo a missão, dadas as grandes distâncias a percorrer. Neste tipo de teatro, a mobilidade estratégica é essencial, e os veículos blindados revelaram ser particularmente adequados à tarefa.

Também em termos sanitários, os meios empenhados permitiram uma resposta eficaz, em parte, fruto dos ensinamentos recolhidos do Afeganistão. O apoio médico foi integrado ao nível das companhias, permitindo desta forma um tratamento no menor tempo possível.

Os movimentos rebeldes sofreram pesadas baixas e perderam muito do seu equipamento, dos seus santuários e das suas bases de apoio. Deixaram de operar em

²³ Mauritânia, Argélia, Níger, Burkina Fasso, Costa do Marfim, Guiné e Senegal.

grandes unidades e os seus ataques tornaram-se menos frequentes, embora não tenham sido completamente derrotados.

Em meados de abril de 2013, a França começou a retirar alguns dos seus ativos aéreos, incluindo aeronaves de combate Rafael e Mirage, helicópteros de combate Tiger e aviões de transporte. O plano de substituir as forças chadianas por tropas do Mali na região Norte de Kidal gerou alguma fricção no movimento Tuaregue local, o MNLA, que se opõe à presença de soldados malianos na região. Verificou-se assim uma mudança da missão no Mali, que se iniciou com a retirada das forças francesas. Até aqui o foco da missão consistia na execução de operações ofensivas na parte Norte do país, passando, após esta fase, a ser a condução de operações de estabilização direcionadas para a segurança dos centros populacionais.

4. Visão Prospetiva

Cerca de um ano após o início da Operação SERVVAL, a reconstrução do Mali ainda está a dar os primeiros passos. A situação de segurança ainda é frágil e o país enfrenta muitas dificuldades ao nível político e económico. Para enfrentar estes desafios, o Mali precisa do apoio da Comunidade Internacional, no sentido de se conseguir um reforço da segurança, lançamento de projetos de desenvolvimento e manutenção das negociações com os ex-rebeldes.

No entanto existem várias questões que devem ser evitadas. Em primeiro lugar, a luta contra os grupos *jihadistas*, não deve ter precedência sobre outras questões nacionais estruturantes. Em segundo lugar, as raízes da crise de 2012 não são só económicas, mas também políticas e os programas de desenvolvimento, por si só, podem não conduzir aos níveis de segurança desejáveis. Por último, a reflexão, diálogo e vigilância permanentes são necessários para reforçar a eficácia dos programas internacionais.

A União Europeia parece estar empenhada no processo de saída da crise, tanto a nível da segurança como no plano político, através da formação das Forças de Defesa e de Segurança por intermédio da EUTM, por um lado, e do apoio ao processo de democratização, por outro. As perspetivas de cooperação são particularmente promissoras e poderão atingir um ritmo normal, graças nomeadamente à execução do fundo Europeu de Desenvolvimento.

Se não há dúvidas que é necessária uma ação consertada ao nível internacional, a longo prazo para a estabilização do Mali, também é ponto assente que o seu futuro deve permanecer nas mãos dos malianos, que não podem ser substituídos por credores internacionais. Sem o envolvimento das autoridades do Mali, sem a sua vontade de colocar o seu país num novo caminho, o período que se abriu em janeiro de 2013, com a intervenção francesa, só constituirá um período entre guerras. Esta transição não será fácil, uma vez que está em questão a alteração de mentalidades, que poderá levar muito tempo, mas que será possível se houver vontade e envolvimento, quer da Comunidade Internacional quer dos líderes regionais, numa ótica da cooperação regional.

5. Conclusões

Ao nível internacional houve muitas reservas quanto à intervenção militar no Mali, mesmo assim, após longas negociações, especialmente entre a França e os Estados Unidos, o Conselho de Segurança das Nações Unidas adotou a resolução 2085, em 20 de dezembro de 2012, autorizando o envio da AFISMA por um ano.

O ambiente de revolta que entretanto se instalou em Bamako, aliado à ofensiva dos grupos armados em direção ao centro do país, levaram à imediata intervenção militar francesa, que teve início a 11 de janeiro de 2013. A determinação francesa, colocou os EUA e a UE perante um facto consumado. As negociações políticas e diplomáticas subsequentes, não se revelaram fáceis, contudo o apoio dos EUA e de alguns outros estados, acabou por se revelar decisivo para o sucesso da operação militar.

A UE não se constituiu como ator para a resolução da crise. Contribuiu através da missão de treino EUTM - Mali, criada a 18 de fevereiro de 2013, tendo a França se assumido como *lead-nation*. Contudo a UE, tem vindo a demonstrar empenho no processo de saída da crise, tanto a nível da segurança como no plano político, através da formação das Forças de Defesa e de Segurança por intermédio da EUTM.

Os objetivos da intervenção francesa centraram-se na ajuda ao exército maliano, na tentativa de parar o progresso dos rebeldes islâmicos para Sul, na proteção da integridade do Estado do Mali e no resgate de reféns franceses. No entanto, a França pretendeu também proteger e preservar os seus interesses nacionais vitais na região, nomeadamente os recursos de gás e minerais.

A intervenção militar no Mali, foi realizada no norte do país, no início de 2013, pelas Forças Armadas Francesas, com apoio logístico das Forças Armadas dos Estados

Unidos e de outros países europeus e Canadá. A Operação SERVAL é considerada um notável êxito militar, apresentando algumas características que para isso contribuíram:

- Em primeiro lugar, a clareza dos objetivos definidos. Ao contrário de outras missões internacionais, os militares franceses tinham uma missão clara: Destruir as forças terroristas que ameaçavam apoderarem-se do território;
- O apoio Internacional que acabou por se verificar. O serviço de informações no terreno permitiu que o processo de decisão político fosse rápido e fez com que os outros Estados, mesmo que não participassem diretamente no conflito, apoiassem os franceses nas instâncias internacionais. Os Estados Africanos da região também estavam empenhados na resolução do conflito;
- O excelente conhecimento do terreno e da situação do país. O papel das forças preposicionadas foi crucial. A França dispunha de um dispositivo de forças com uma forte presença na região, com elementos franceses no Chade, no Gabão, no Senegal e na Costa do Marfim. Estas forças pré-posicionadas em África foram, sem dúvida, um fator decisivo que explica a elevada reatividade da resposta francesa.

A operação desencadeada pela França, não tem precedentes em termos de rapidez, efetivos militares e distâncias envolvidas. Esta operação mostrou claramente a determinação, resiliência e destreza das tropas francesas, que foram obrigadas a combater e viver em condições austeras.

No Mali, era necessário colocar forças no terreno, pois só dessa forma era possível conquistar e manter a posse do território perdido e destruir uma ameaça tão fanática, como era o caso dos grupos rebeldes que se opunham ao regime de Bamako.

O grande problema do Mali e de tantos outros países africanos reside na pobreza generalizada e na falta de um poder público que alcance a população. Não há uma solução estritamente militar para a questão e o fundamentalismo religioso surge como um elemento complicador, em contextos de instabilidade crónica. A complexidade do problema que os grupos jihadistas constituem no Magreb e cada vez mais no Sahel, exige uma solução urgente e conjunta da parte dos países diretamente envolvidos mas também da Comunidade Internacional.

A Operação SERVAL aportou um rico manancial de ensinamentos, cujo estudo muito beneficiará os futuros planeadores de nível estratégico, operacional e tático, ao que acresce o processo de tomada de decisão política, quer interno quer nas instâncias ou com parceiros internacionais.



EDITORIAL: REVISTACIENCIASMILITARES@IESM.PT

TELEFONE: 213025250/1 213002151

MORADA: RUA DE PEDROUÇOS - 1449-027 LISBOA



CAPA

COMPOSIÇÃO GRÁFICA

TENENTE-CORONEL - TINF RUI JOSÉ DA SILVA GRILO

SOBRE GRAVURA DE

TENENTE-GENERAL VÍTOR MANUEL AMARAL VIEIRA